

A intensificação e precarização do trabalho do professor e suas implicações: sofrimento, estresse e adoecimento

Katia Miluska Díaz Dextre ¹

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar as consequências da intensificação e precarização do trabalho como resultado da competitividade e da flexibilização do atual modelo pós-fordista e como a expansão política educacional do Estado traz essa intensificação destacando os setores do gerencialismo. Espera-se ressaltar a importância para prevenir situações que possam levar ao docente de Ensino Básico e Ensino Superior a estados de adoecimento, também contribuir na busca que vise sanar os fatores e dificuldades tanto a seu trabalho quando a sua saúde.

Palavras-chave: Adoecimento. Formação do Professor. Intensificação. Precarização. Pós-Fordismo.

Abstract

The present work has as objective to analyze the consequences of intensification and precarious of job as result of the competitive and flexibility of the current post-Fordist model and how the educational politics expansion of the State brings this intensification envelopment the sectors of management. It is hoped to emphasize the importance to prevent situations that can lead to the professor of Basic Education and Higher Education to states of illness, also contribute in the search that seeks to heal the factors and difficulties to both their job and their health.

Keywords: Illness. Teacher Training. Intensification. Precariousness. Post-Fordism.

¹ Licenciatura em Educação, com especialidade em Línguas Estrangeiras – Universidad Nacional Santiago Antunez de Mayolo, Peru. E-mail: miluskatia@gmail.com.

Introdução

A prática de docência, na área da educação de Ensino Superior no Brasil, segundo alguns pesquisadores (SGUISSARDI; SILVA JÚNIOR, 2009; SILVA, 2013), envolve um processo de intensificação e precarização do trabalho do professor. Tal processo pode vir a ter como consequências o sofrimento, o estresse e o adoecimento. A precarização e a intensificação do trabalho podem também ser relacionadas a algumas considerações sobre o Estado e a política.

Há um grande número de pesquisadores do campo da Psicodinâmica do Trabalho que apontam que a intensificação do trabalho traz consigo dois aspectos contraditórios e indissociáveis importantes: o prazer e o sofrimento (DEJOURS, 2004; RUZA, 2017; SILVA, 2015). Além disso, consideram que a intensificação do trabalho do professor vem a ser o resultado da competitividade que existe nas relações de trabalho nas instituições educacionais, tanto do Ensino Básico quanto do Ensino Superior (SGUISSARDI; SILVA JÚNIOR, 2009; SILVA, 2013).

Por outro lado, se observa que existe, no Ensino Básico e no Ensino Superior, a influência de um dos aspectos do modelo pós-fordista: a flexibilização da educação, que atinge não só o trabalhador contratado, mas também o servidor público, dado que existe um processo empresariamento da educação (FREITAS, 2009; SILVA, 2013). No caso do sofrimento, ressaltamos suas correlações com o adoecimento e/ou a síndrome do *burnout* – que significa queimar (*burn*) até o exterior (*out*). Esta consiste em um esgotamento mental que aparece junto com o sentimento de frustração. Geralmente, é ocasionada pelo consumo excessivo de energia psíquica, cognitiva e emocional, que está presente em muitos casos de docentes, supostamente como resultado da intensificação do trabalho, entre outros fatores.

Segundo Codo e Vasques-Menezes (2000), a síndrome do *burnout* pode ser analisada separadamente como um problema com três variáveis:

- Exaustão emocional relacionada ao esgotamento da energia e dos recursos emocionais próprios;
- Despersonalização relacionada ao sentimentos e atitudes negativas;
- Falta de envolvimento pessoal no trabalho.

Cada uma destas variáveis pode ter níveis alto, moderado ou baixo.

Objetivos da pesquisa

O presente projeto de pesquisa tem como objetivo analisar as consequências da intensificação do trabalho como resultado da competitividade e da flexibilização da

educação do atual modelo pós-fordista existente na sociedade. Pressupomos que elas se expressam nas formas de sofrimento, estresse e/ou adoecimento dos atores educacionais. Dessa maneira, até que ponto as novas demandas de trabalho acrescidas às funções docentes das sedes de Ensino Superior podem estar resultando um Mal-Estar e adoecimento das atividades laborais por indicações médicas?

Na atualidade, a intensificação do trabalho pode ser relacionada ao desemprego crescente nas últimas décadas, que afeta tanto as economias periféricas quanto as avançadas. Isto pode conduzir os trabalhadores, que se mantêm no trabalho, a situações de estresse, produzido pelos ritmos cada vez mais intensos de trabalho. Com relação à precarização, é conhecido que o trabalhador terceirizado ou subcontratado não possui a situação típica do servidor público. Não obstante, o servidor público, na Educação Brasileira, pode-se encontrar, muitas vezes, com aspectos precários em seu trabalho, mas não em relação à sua permanência no trabalho.

Entretanto, ocorre que há um processo de flexibilização em marcha (reformas previdenciária e trabalhista) que passa a colocar em risco a dita estabilidade, as condições contratuais e salariais, ou, no mínimo, gerar o sentimento de vulnerabilidade, de maneira a articular a precarização objetiva com a precarização subjetiva (LINHART, 2009). Nesse sentido, algumas questões podem elucidar o problema:

- Até que ponto a intensificação do trabalho tem, como resultado, efeitos de prazer e sofrimento para o docente na sua atividade?
- Como o professor pode lidar com condições de trabalho progressivamente mais desfavoráveis?
- Em que medida a competitividade e flexibilização pós-fordista na educação implica intensificação e precarização do trabalho docente?
- A intensificação e precarização do trabalho teria como consequência o sofrimento, estresse e/ou *burnout*? Em caso positivo, vale indagar: porque muitos professores não desistem da carreira? Ainda seriam preservados os sentidos humanos do trabalho?

Justificativa e fundamentação teórica

Dado que o processo de adoecimento do professor seja efetivamente resultado da intensificação e precarização do trabalho, o presente projeto visa analisar os aspectos fundamentais dos processos psicodinâmicos relacionados à saúde-doença do professor. De acordo com Silva e Mancebo (2014, p. 479), procuramos argumentar que a “intensificação do trabalho e a sociabilidade produtiva englobam, de forma contraditória, prazer, sofrimento e defesas patogênicas”.

Na atualidade, a síndrome de *burnout* é uma das consequências existentes na intensificação do trabalho, fruto das crises do taylorismo e fordismo. A origem desta crises teve início nos anos 1970, cujos traços mais evidentes foram a concentração de capitais à fusões entre as empresas monopolistas e oligopolistas, com incremento acentuado das privatizações e queda da taxa de lucro, fruto do aumento do preço da força de trabalho, conquistado durante o período pós-1945 e pela intensificação das lutas sociais dos anos 1960 (ANTUNES, 2009).

A precarização e intensificação do trabalho não ocorre somente na Educação (SGUISSARDI; SILVA JÚNIOR, 2009), mas sim em múltiplas categorias profissionais e diferentes situações do mundo do trabalho (DAL ROSSO, 2008). As oportunidades do trabalho e especificamente de emprego estão saturadas ou em baixa oferta em muitos territórios. De forma desproporcional, novas profissões surgem e outras desaparecem, trazendo como consequência a formação de um contingente de trabalhadores não empregados e não empregáveis (CASTEL, 1998).

As análises dos campos da Educação Básica e da Educação Superior e dos efeitos dos processos de intensificação e precarização no trabalho, como a manipulação da subjetividade e o adoecimento, podem ser relacionadas à forma política do Estado, destacando o gerencialismo, derivada da forma-valor ou forma-mercadoria. A matriz das formas de sociabilidade e de reconhecimento nele presentes, portanto, nos remete à expropriação, à alienação e ao reconhecimento fetichista (MASCARO, 2013).

Como antes mencionado, a intensificação do trabalho pode ser relacionada ao desemprego. Segundo Sguissardi e Silva Júnior (2009), temos, atualmente, taxas elevadas de desemprego que estão se ampliando não só nas economias periféricas, mas também nas economias avançadas, nas últimas décadas:

(...) ao mesmo tempo em que se acirram mundialmente os problemas sociais e de desemprego, se verifica que, os trabalhadores que se mantêm no trabalho, são sujeitos a ritmos cada vez mais frenéticos de trabalho, em jornadas que, costumeiramente, extrapolam os limites antes melhor protegidos por contratos de trabalho (...) (SGUISSARDI; SILVA JÚNIOR, 2009, p. 234).

No período pós-fordista, tem relevância a flexibilização do trabalho no Estado neoliberal, sendo corriqueira a invasão do tempo de vida social pelas atividades de trabalho. Comumente são usadas frases como "Eu preciso ter tempo" ou "Eu acabo utilizando o espaço da família para fazer o trabalho que a gente não consegue fazer aqui". Assim, muitos professores, tão empenhados nas atividades de docência e no fazer científico, podem não conseguir fazer uma distinção ou separação entre a vida privada e a vida acadêmica (LEDA; RIBEIRO; SILVA, 2015).

Atualmente, existem dados sobre afastamento de docentes por problemas de saúde, tais como aqueles coletados na UFF (SILVA, 2013), indicando que, dos 208 docentes afastados em 2012, 72 foram por transtornos mentais e de comportamento, havendo prevalência dos quadros depressivos, seguidos pelos de ansiedade e estresse (SILVA, 2016). Além disso, a precarização do trabalho docente na Educação Básica está relacionada ao desmonte dos direitos sociais e do trabalho, e do sistema de proteção social, expressos na passagem das políticas desenvolvidas em nome da integração para políticas conduzidas em nome da inserção (CASTEL, 1998). Como poderia ser considerado democrático um processo de empresariamento da Educação Básica, expresso em inúmeros programas, como Acelera Brasil, nos quais se verifica a participação dos interesses do setor privado na elaboração, execução e avaliação das políticas educacionais? (FREITAS, 2009; PICCININI, 2013).

Finalmente, a intensificação do trabalho pode ser relacionada a conflitos de identidade profissional, tal como aponta Silva:

Professores da Educação Básica se sentem assistentes sociais, psicólogos, pais, gestores, 'bombril' ou 'árvores para todas as estações', mas não professores. Professores da Educação Superior meros produtores de papers, a toque de Caixa, sem devido aprofundamento. Produz-se assim, um conflito entre valores pessoais e práticas cotidianas, alienadas e estranhadas. Entre identidades subjetivamente apropriadas e identidades socialmente atribuídas (SILVA, 2016).

Vale ainda mencionar o trabalho intensificado na Educação Superior no caso de professores que foram descredenciados da pós-graduação, e de alguns que, em condições de se aposentar, optaram por fazê-lo, mas não sem hesitação e/ou conflito, ou ainda, mágoa face à pressão e ao que se reiterou como competitividade, individualismo e relações de trabalho esgarçadas ou dilaceradas.

Os professores, *grosso modo*, puderam ser categorizados como desqualificados (sob o estigma do termo 'improdutivos') ou produtivos ('engajados', mas não necessariamente subservientes ao instituído) (...) nestas categorizações havia uma série de distinções e de aspectos cuja pluralidade e singularidade não poderemos aqui aprofundar (SGUISSARDI *et al.*, 2001).

Metodologia

Para o desenvolvimento deste trabalho, em primeiro lugar, será feito o levantamento bibliográfico dos antecedentes históricos sobre o adoecimento docente relacionados à precarização e à intensificação do trabalho. Em outras palavras, será realizada uma pesquisa mais aprofundada em comparação à que originou o presente projeto, em artigos de periódicos científicos, dissertações e teses dos últimos cinco anos, em base a ser definida (entre outras, a SciELO), e que versem sobre a intensificação e precarização do trabalho do professor universitário, com destaque àquelas que

considerem os processos de sofrimento, adoecimento, estresse e/ou que se relacionem à síndrome de *burnout*.

Pretende-se, numa segunda fase da pesquisa, levantar dados e realizar entrevistas semiestruturadas com professores de uma universidade pública. Os dados serão sobre atividades de trabalho e produção acadêmica de determinada área do conhecimento a ser definida. Buscaremos também levantar dados sobre afastamento do trabalho por motivos de saúde, de modo a identificar seus perfis e diagnósticos prevalentes. As entrevistas semiestruturadas, a ser gravadas e transcritas para análise, na última fase da pesquisa, serão realizadas com dois grupos distintos de professores: primeiramente, serão realizadas duas entrevistas com pesquisadores, a ser definidos, que pertençam ao campo da Psicodinâmica do Trabalho e tenham produções relacionadas ao tema deste projeto; e, posteriormente, oito entrevistas com professores de uma universidade pública.

A definição da instituição e a delimitação (do departamento ou área) será posteriormente realizada. Daremos prioridade à escolha de uma universidade que possa demonstrar, em levantamento exploratório, dados mais bem sistematizados acerca do afastamento docente por motivos de saúde. A princípio, se pensou em um Departamento da área de Engenharia da USP/São Carlos, tendo em vista que, nesta instituição, possa haver os referidos dados mais bem sistematizados, assim como o fato de que se trata de uma área com alta produtividade, o que seria indicativo ou propício à intensificação do trabalho e à investigação do suposto efeito de sofrimento, estresse e/ou adoecimento. Serão prioritariamente entrevistados os professores pertencentes à pós-graduação. As questões norteadoras das entrevistas serão previamente elaboradas e serão relativas à prática e ao cotidiano do docente, de modo a identificar a existência e/ou característica do suposto processo de intensificação do trabalho e implicações para saúde-doença.

Resultados esperados e contribuições

Ao identificar as consequências que podem ser ocasionadas pela intensificação do trabalho, as quais, na maioria das vezes, contribuem para os processos psicodinâmicos de adoecimento do docente, espera-se ressaltar a importância de uma eficaz política educativa para prevenir situações que possam levar o docente a estados de depressão e/ou um posterior padecimento da síndrome do *burnout*. É necessário se considerar que a intensificação e a precarização do trabalho possam ter como efeito, até certo ponto, uma adaptação sobrenormal (defensiva, no sentido dejouriano), mas que, posteriormente, possa se expressar em adoecimento e frustração, até o ponto de causar depressão e/ou estresse.

Contribuir na busca de uma tentativa que vise sanar os fatores e as dificuldades que se relacionam aos processos de adoecimento e que trazem, à atividade do professor, situações indesejáveis (ao seu trabalho, à sua saúde, etc.), pode nortear alternativas de prevenção e controle. Consideramos que um professor fortemente capacitado, que entenda os efeitos da intensificação do trabalho, suas consequências (indesejadas) e formas de evitá-las, pode contribuir para a melhoria da qualidade da educação.

Referências bibliográficas

- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009. p. 31-32.
- CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p.513-537.
- CODO, W.; VASQUES-MENEZES, I. Burnout: Sofrimento psíquico dos trabalhadores em educação. **Caderno de Saúde do Trabalhador**, São Paulo, p. 29-32. 2000.
- DAL ROSSO, S. **Mais trabalho!** A intensificação do labor na sociedade contemporânea. São Paulo: Boitempo, 2008.
- FREITAS, L. C. Políticas de avaliação no Estado de São Paulo: o controle do professor como ocultação do descaso. **Educação & Cidadania**, Campinas, v. 8, n. 1, p. 59-66, 2009.
- LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. (orgs.). **Christophe Dejours**: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.
- LÉDA, D. B.; RIBEIRO, C. V. S.; SILVA, E. P. A expansão da educação superior pública e suas implicações no trabalho docente. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 51, p. 147-174, 2015.
- LINHART, D. Modernisation et précarisation de la vie au travail. **Papeles del CEIC**, Bizkaia, v. 1, n. 43, p. 1-19, 2009.
- MASCARO, A. **Estado e forma política**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- PICCININI, C. O empresariamento da educação pública: o caso do Programa Acelera Brasil. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 5, n. 1, p. 110-121, 2013.
- RUZA, F. M. **Trabalho e subjetividade do professor da pós-graduação da UNESP**: o sentido do trabalho e as relações entre sofrimento e prazer. 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal São Carlos, São Carlos, 2017.
- SGUISSARDI, V.; SILVA JÚNIOR, J. R. **Trabalho intensificado nas federais**: pós-graduação e produtivismo acadêmico. São Paulo: Xamã, 2009.
- SGUISSARDI, V.; SILVA JUNIOR, J. R. **Educação Superior**: análise e perspectivas de pesquisa. São Paulo: Xamã, 2001.
- SILVA, E. P. Sofrimento psíquico no trabalho do professor da universidade pública. *In*: FREITAS, L. G. (coord.). **Prazer e sofrimento no trabalho docente**: pesquisas brasileiras. Curitiba: Jurúá, 2013.
- SILVA, E. P.; MANCIBO, D. Subjetividade docente na expansão da UFF: criação, refração e adoecimento. **Fractal**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, 2014.
- SILVA, E. P. Adoecimento e sofrimento de professores universitários: dimensões afetivas e ético-políticas. **Revista de Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 17, p. 61-71, 2015.

SILVA, E. P. Intensificação do trabalho, manipulação da subjetividade e adoecimento: implicações das políticas educacionais e do gerencialismo. **Revista APASE**, São Paulo, n. 17, p. 20-31, 2016.